

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA (PARTE
III): PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA
20 de Novembro de 2023

BALLADA O SOLDATE / 1959
(A Balada do Soldado)

Um filme de Grigori Chukhrai

Realização: Grigori Chukhrai / Argumento: Valentin Yoshov e Grigori Chukhrai / Direcção de Fotografia: Vladimir Nikolayev e Era Saveleva / Direcção Artística: B. Nemechek / Música: Mikhail Ziv / Som: V. Kirshenbaum / Montagem: M. Timofeieva / Interpretação: Vladimir Ivashov (Alyosha), Shanna Prokhorenko (Shura), Antonina Maximova (mãe de Alyosha), Nikolai Kruchkov (general), Ievgeny Urbanski (soldado inválido), etc.

Produção: Mosfilm / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em russo com legendas em português / Duração: 85 minutos / Estreia em Portugal: Pathé, a 18 de Janeiro de 1974.

AVISO: A cópia encontra-se algo desgastada, evidenciando marcas de uma longa carreira no circuito comercial.

Com **Letyat Juravli** (“Quando Passam as Cegonhas”, 1957), de Mikhail Kalatozov, esta **Ballada o Soldate** de Grigori Chukhrai integra o grupo dos mais famosos filmes do “degelo”. Foram extremamente populares no seu tempo, popularidade que não se dissipou inteiramente e que persiste na relativa ressonância que os seus títulos ainda encontram. O objectivo que presidiu à sua existência – num modelo de produção, como o soviético, obviamente muito controlado e muito centralizado por instâncias políticas – era justamente esse: encontrarem eco, encontrarem popularidade, mostrarem, fora de portas, uma URSS de cara lavada. Ou de rosto humano, e humanista. Não eram “filmes de exportação” no sentido mais depreciativo do termo, mas eram feitos a pensar sobretudo em audiências estrangeiras. Acompanhando o breve período do “degelo” que se seguiu à morte de Estaline, tinham a preocupação de dar a ver uma URSS menos belicosa, menos agressiva, despida de retórica anti-ocidental e de propaganda política. A URSS sempre teve a sua produção popular, por exemplo os melodramas de Pyriev, onde o “escapismo” reinava mesmo se, amíúde, tinha que entrar em casamento com a mensagem de propaganda. Mas eram filmes feitos para o público interno e sem uma intenção “artística” declarada; a diferença, em filmes como os de Kalatozov e Chukhrai, estava no facto de se pretenderem filmes “de arte”, não totalmente desligados das matrizes clássicas do cinema soviético, mas substituindo a propaganda e a política por um lirismo “em primeiro grau” capaz de promover uma URSS mais sedutora do que desafiante. É claro que, se muita gente mordeu o isco e, à época, falou de um cinema soviético “novo”, isento de preocupações propagandísticas (sem perceber que, neste caso, a ausência de propaganda era em si mesma uma outra forma de propaganda),

alguns redutos mais cinéfilos tiveram sempre algum desdém para com estes filmes. Porque eles retomavam a faceta menos interessante do cinema soviético – o famigerado “realismo socialista”, que se tinha substituído, por imposição vinda “de cima”, ao “formalismo” dos anos dourados de Eisenstein ou Vertov; e porque esta “inocência” pretensamente apolítica não fazia esquecer a quantidade de grandes cineastas soviéticos que, por razões políticas ou outras, tinham visto as suas obras dificultadas ou interrompidas. Como louvar Kalatozov ou Chukhrai se alguém como Barnet – ainda vivo nesta altura – sofria tratos de polé, em grande parte por não querer fazer filmes de propaganda?

Escrevendo à época, um crítico inglês referiu-se a **Ballada o Soldate** como uma “aldrabice entusiasmante”. Não iremos tão longe na adjetivação, mas há que reconhecer que o substantivo é certo, e que a “aldrabice” funciona muito bem enquanto tal – uma “aldrabice eficaz” seria a expressão que empregariamos. O filme passa-se durante a II Guerra, mas num “universo paralelo” ao que da II Guerra, na frente soviética, foi escrito e descrito por historiadores e romancistas, nacionais e estrangeiros. Mesmo o exército soviético, que tinha um regime disciplinar brutal (para combater, é certo, a brutal indisciplina, regada a vodka, que muitos soldados manifestavam) e que Estaline sempre tratou como carne para canhão, é apresentado como uma organização plena de sensibilidade humanitária, onde um soldado pede 24 horas de licença e generosamente recebe dos seus superiores o dobro ou o triplo desse tempo. O sentimento prevalece, em tudo e em todos, por maioria de razão na vaga história de amor que é, afinal, a “balada do soldado” propriamente dita. Mas a partir do momento em que se aceita o “universo paralelo”, e o pressuposto sentimentalista, **Ballada o Soldate** – que exactamente por isto será um dos mais “hollywoodianos” filmes alguma vez feitos na URSS – guarda alguma beleza que é possível apreciar e partilhar. Porque Chukhrai não era uma mão pesada qualquer, tinha talento e tinha saber; e porque o filme não renega, em absoluto, alguns dos traços essenciais do ADN do cinema russo e/ou soviético, os mesmos, aliás, que salvaram (parcialmente) dúzias dos mais enfadonhos exemplares do “realismo socialista”. Um vínculo com a natureza e com a paisagem, sempre expressivas, e sempre com um profundo sentido “iconográfico” que nem por aqui parecer razoavelmente calculista chega a ser diminuído – aquilo a que o mesmo crítico que acima citámos chamou “aqueles planos russos que nunca falham, por exemplo figuras humanas enegrecidas recortadas contra um céu agitado”. Aqui subscrevemos sem tirar nem pôr: esta sensualidade, que também é uma maneira de exprimir a aura materna (e portanto, feminina) da terra russa (a “Mãe-Rússia”), é dominada por Chukhrai do primeiro ao último instante.

Luís Miguel Oliveira